

EDITORIAL

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Rio Grande do Sul (Senar-RS) completou, no dia 15 de abril, 15 anos. Ao longo desta década e meia, mais de três milhões de gaúchos foram beneficiados nas atividades da entidade, que promove a capacitação da mão-de-obra do meio rural, além de ações sociais.

Por meio destas ações, o Senar-RS possibilita que milhares de trabalhadores rurais ampliem sua renda e, assim, melhorem a qualidade de vida. Além do impacto das atividades para os trabalhadores, investir em capacitação reflete-se na qualificação de toda a produção gaúcha, que torna-se mais competitiva. Isso se traduz na possibilidade de acessar mercados jamais pensados e na geração de mais emprego e renda no campo, viabilizando a manutenção de muitas famílias gaúchas no meio rural.

Os benefícios das atividades não se limitam ao campo econômico. Por meio de cursos e treinamentos, o Senar propicia que muitos gaúchos já adultos sintam o prazer de escrever e ler. Com o Programa Alfa, oito mil pessoas ingressaram em um novo mundo: o da leitura. E eles já entram neste mundo com novas perspectivas de vida, pois já saem do curso capacitados para desempenharem uma profissão. A vivência em sala de aula também está presente no Programa Agrinho, voltado a crianças e adolescentes em idade escolar. Com este programa, o Senar já atingiu dois milhões de alunos de escolas públicas e quase 200 mil professores. Desenvolvido há seis anos, o programa aborda temas como saúde, meio ambiente e cidadania.

Nada disso seria possível sem a participação dos produtores rurais que, por meio da contribuição sindical, são os responsáveis pela manutenção de todo o sistema sindical e federativo. Por isso, é importante ressaltar que o recolhimento da contribuição de pessoas físicas deve ser feito até o final do mês. Além dos produtores, os trabalhos do Senar ainda conta com o apoio de instituições parceiras como o Sebrae-RS, a Emater e a Fetag. O trabalho com outras entidades é uma extensão das atividades já desempenhadas pelo Senar. É com os parceiros que são realizados programas como o Juntos para Competir, que promove melhorias em várias cadeias produtivas, e Turismo Rural, que possibilita mais uma atividade de geração de renda para propriedades gaúchas.

Nesses 15 anos, o Senar passou por diversas mudanças, que possibilitaram a manutenção das atividades. Apesar das mudanças, necessárias para a adaptação aos novos paradigmas que se impõem à economia e à sociedade gaúchas, a instituição continua fiel ao seu slogan, de ser a escola do homem rural.

Ramón Ramos Leal

Blau Souza*

Perdoem-me voltar à infância e a terra natal, mas Tols-toi já dizia que ao falar da própria aldeia, se está falando do mundo. Todo um universo pode ser reconstituído quando se examina a vida de certas pessoas. Ramón Ramos Real, espanhol de nascimento, chegou nas Lavras em tempos de exploração do ouro. Nisso não foi original e a mesma corrida do ouro atraiu, por exemplo, o pintor Hermann Rudolf Wendroth, cuja obra o credencia como o Debret do Rio Grande do Sul e que foi salva graças à sensibilidade do imperador Pedro II; mas esta é outra história e já a contei... Ramón não enriqueceu e teve de sobreviver através do trabalho no ofício de alfaiate, que aprendera na terra de origem. Percorria a cavalo certas estâncias, em que se instalava e fazia ternos para os estancieiros e suas famílias. Isso acontecia na Estância das Cordilheiras, no primeiro distrito de Lavras do Sul. Lá o major Macedinho, filho do Visconde do Cerro Formoso, vivia longa velhice após participação honrosa na Guerra do Paraguai. Sua filha, dona Ritinha, casara com descendente de alemães da família Fabrício, cujos primeiros descendentes brasileiros se instalaram em Porto Alegre, em Uruguaiana, na região de São Luís Gonzaga e, através dele, Frederico Nemo Fabrício, em Lavras do Sul. O major, apesar de participar das atividades da estância e de se utilizar de redondel para adestramento de cavalos, jamais usou bombacha, moda recém chegada através do Rio

da Prata. Usava calça reta, colete, casaca e polainas encobridos os sapatos. Seu Fabrício, vereador maragato em Lavras, de boa estampa, da mesma forma que seu sogro, primava por bem vestir. Os tempos eram outros e todos os guris da casa tinham de vestir casacos ao sentar à mesa para as refeições. Vejam que tudo isso explica muito bem os longos períodos de permanência do espanhol Ramón nas Cordilheiras, bem como os cortes de casemira inglesa e outros tecidos que eram transportadas em lentas carretas puxadas a boi desde a esta-

Aos noventa e cinco anos de idade, minha mãe, uma das sobreviventes, recorda coisas que a visão de criança privilegiava. As lembranças não fogem a um tom amargo fácil de entender, mas lembra que Ramón tinha uma das narinas perfurada por bala. É de imaginar quantas histórias terão surgido em torno desse homem que, além de tudo, falava uma língua diferente.

ção ferroviária do Ibaré. As mercadorias eram mandadas pelo comerciante Arcanjo Petrarca, amigo italiano dos Macedo Fabrício e parceiro em carreiras de cancha reta e em rinhas de galo. As Cordilheiras viviam tempos de progresso e de expansão; campos eram arrendados e até concessão para explorar minas de cobre em Caçapava fazia parte dos negócios. O engenheiro Chiquito, o médico Afonso, Fernando, José, Ulisses e os outros irmãos menores tocavam os negócios

e a vida com garra e otimismo. Era muito natural que numa das carreadas tivesse chegado um piano para as moças da casa, sobretudo para Anita, a mais velha. Mas a crise do final dos anos vinte aniquilando a pecuária, mais a tuberculose ceifando vidas, puseram fim a período glorioso.

Aos noventa e cinco anos de idade, minha mãe, uma das sobreviventes, recorda coisas que a visão de criança privilegiava. As lembranças não fogem a um tom amargo fácil de entender, mas lembra que Ramón tinha uma das narinas perfurada por bala. É de imaginar quantas histórias terão surgido em torno desse homem que, além de tudo, falava uma língua diferente. Sílvio e tio Gringo, criados nas Cordilheiras e que viviam no Sobrado, contavam as peripécias de Ramón, sobretudo quando perdia a sobriedade por força do consumo de cachaça. Meu irmão Zeca, bem guri, ouvia por horas os dois antigos empregados das Cordilheiras e os provocava para que repetissem passagens mais pitorescas da vida do espanhol. Soube-se que o alfaiate tinha um cavalo tordilho chamado Lagarto, muito bem adaptado à vida de seu dono. Quando Ramón caía de seu lombo, o cavalo permanecia a seu lado. Deitado, sem conseguir levantar-se, o espanhol erguia seus pés para o ar enquanto dizia: "Ramón Ramos Real... p'ra que no se pierca... Ramón de mierda... carallo...". Nada resistia à irreverência do espanhol venta furada, homem do mundo e alfaiate de estâncias.

* Médico e escritor

EXPEDIENTE

SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CASA RURAL
CENTRO DO AGROMEGECIO

FARSUL
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente:
Eduardo Delgado
Divisão Administrativa:
Carlos Alberto Schütz
Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes
Div. Planejamento e Projetos
Saulo Gomes

JORNAL SUL RURAL
Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila,
Marcelo Curia e arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
e Tiago Francisco
Circulação Mensal
Tiragem: 32.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170